

NOTAS PROVISÓRIAS SOBRE UMA FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO

Carlos A. Jales

Universidade Federal da Paraíba — João Pessoa

1. Parece um fato reconhecido que o homem é um ser de relação. Suas carências estão intimamente ligadas à sua necessidade de viver num grupo, de aprender com este grupo, ao mesmo tempo em que contribui para o desenvolvimento e crescimento sociais. Isso quer dizer que a existência humana é o fenômeno central do viver. O viver precede qualquer reflexão, a existência é o núcleo em torno do qual deve girar a procura da afirmação do homem.

2. Se a existência precede a "essência", se o ato de experienciar a própria vida está na raiz de qualquer análise sobre o homem, qualquer que seja a dimensão que tome: econômica, política, religiosa, antropológica, isso não quer dizer, em absoluto, que se esteja falando de um "homem" abstrato, que se esteja elaborando uma imagem de homem que não passa de uma ficção, pois calcada num modelo idealista, como se houvesse um homem universal, ou uma única concepção de homem.

3. Reconhecer a precedência da existência é reconhecer imediatamente que o homem é um ser situado, datado e etiquetado. Não se trata de um ideal de homem, como na filosofia essencialista, mas de um homem vivendo dentro de certas e determinadas coordenadas. Isso significa que o homem é histórica e geograficamente limitado, vive dentro de uma sociedade (onde se completa e completa os outros), é um prolongamento da natureza, está em relação com esta através dos climas, rios, mares, ventos, montanhas, sofre sua influência e modifica seus cursos. A natureza (mundo no seu mais amplo sentido) sem o homem perde o sentido, ao mesmo

tempo que o homem se completa pela natureza. Seu corpo é a maneira como ele se "mostra" ao mundo, o canal pelo qual ele se relaciona com os outros elementos da natureza.

4. Sendo a educação tradicionalmente reconhecida como a ação de uma geração sobre outra, com o objetivo de perpetuar os valores sociais, tem sentido perguntar de que sociedade e de que valores se está falando. A sociedade e os valores não existem num vazio, mas estão relacionados com o que se falou acima, ou seja, com uma situação histórica e geograficamente determinada. Isso leva a supor que a educação é um modo, um processo pelo qual os membros de certo grupo social assimila, vive e vivencia os valores, símbolos e dados que em última hipótese mostram qual a imagem de homem veiculada dentro deste grupo.

5. Uma filosofia da educação refletirá necessariamente (historicamente) o modo pelo qual o grupo (sociedade) percebe o homem. Nunca é demais insistir que a sociedade vai perceber certo homem, certa imagem de homem, de acordo com os valores e sentimentos que circulam no seio do grupo. Ainda aqui é preciso estar atento para perceber que esta imagem de homem (no caso da filosofia da educação, a imagem do educando), é apenas o aspecto exterior do **sentido** que circula no interior da sociedade. E o sentido é determinado, pelo menos condicionado pelas múltiplas variáveis que formam o social: a variável econômica, a variável histórica, a variável religiosa, a variável ecológica, a variável política. Dir-se-ia que em determinada época o homem é visto e analisado à luz do privilegiamento do econômico, noutra o privilegiamento pode estar ligado ao político, noutra ao religioso, e assim por diante. No pós-guerra, só para dar um exemplo, o privilegiamento e a ênfase foram dados à existência, como forma de reação ao pessimismo, à ameaça do autoritarismo à destruição, à morte, e à dor característicos da época.

6. A filosofia da educação (qualquer que seja o sentido que se dê a esta expressão) deve estar atenta para não perder de vista este aspecto, pois a sociedade vai exigir da educação e dos educadores uma resposta ao modelo de homem que esta mesma sociedade construiu. Contemporaneamente, por exemplo, no mundo ocidental, o modelo de homem que a sociedade vem exigindo da educação tem sido o modelo do capitalismo. A educação deve preparar indivíduos perfeitamente adaptados para que o capitalismo possa sobreviver. Para isto é necessário entenda a pessoa, perceba e viva os símbolos que a sociedade do capital aceitou como os melhores. E, se a finalidade da pessoa é produzir, necessário se faz um esforço da educação, no sentido de que ela, a educação, "forme" para a docilidade, a obediência, o ajustamento. Não é por outra razão que as empresas e a escola, como principal agente da educação formal, dão tanta importância e promovem tantos cursos de "dinâmica de grupo", de "relações humanas", de "melhoria no trabalho", de "treinamento de recursos humanos". Tudo isso tem como finalidade "ajustar" o indivíduo às normas "racionalis" da produtividade.

7. Numa sociedade voltada para a produção, todos os meios estão a serviço de seu ideal: preparar pessoas mais e mais convencidas que trabalham para o "bem geral", para a "comunidade". O ideal de obediência e passividade tem necessidade de instrumentos que introjetem esses ideais. A televisão, por exemplo, pode estar a serviço de um grande projeto de homogeneização da cultura, através do desconhecimento das diversidades lingüísticas nacionais, das múltiplas manifestações folclóricas, religiosas, populares. O importante é dar a impressão de que se está

mostrando um país único, socialmente monolítico, onde as regiões não existem, e onde o respeito às peculiaridades regionais simplesmente não são levadas em conta. É a homogeneização a serviço da hegemonia.

8. Depois dessas considerações, pode-se perguntar o que significa ter uma filosofia da educação. E a resposta só pode ser coerente com a reflexão presente. Formular uma filosofia da educação significa “debruçar-se” sobre os valores da sociedade e entender seu sentido. Significa “viver” a filosofia antes de formulá-la, vivenciá-la e experienciá-la antes de dissertar sobre ela. Ou melhor: dissertar ao mesmo tempo em que se pratica a filosofia, que não deve nascer de mera especulação cognitivista, mas deve ser o resultado de um processo, freqüentemente tortuoso. O (dis)curso pode ser o curso.

9. De acordo com o que foi dito, uma Psicologia da educação não poderá ser simples estudo de um homem, de uma criança, de um adolescente, de uma personalidade, mas deverá falar de um homem determinado, de uma criança em situação, de um adolescente com seus problemas, de uma personalidade dentro do social. Numa palavra: um estudo de pessoas situadas e datadas: um nordestino, um sulista, um branco, um negro, um operário, um agricultor, um homem, uma mulher. Certos livros de psicologia dão a impressão de o indivíduo que estuda não passar de uma figura de romance, tal a “universalidade” de suas características.

10. Numa Psicologia da Educação, dentro de um curso de Pedagogia, o programa em geral, o conteúdo, os objetivos, os recursos instrucionais devem surpreender um aluno bem concreto, vivendo uma situação bem definida. Aluno que freqüentemente nunca disse “sua palavra”, porque nunca lhe perguntaram nada. Para isso é preciso que o professor esteja desarmado de (pre)conceitos intelectualistas que freqüentemente distorcem e deformam a percepção do processo educacional. Mais ainda: é preciso munir-se, paradoxalmente, de um não-método, para deixar a contradição aparecer, não pelo amor da contradição pela contradição, mas para que a partir dela, se possa chegar à sua superação.

11. A escolha de um não-método significa que o professor deve-se permitir e permitir aos outros experienciarem o conflito, viver a riqueza do conflito. Não se trata de adotar um conflito estéril, mas aceitar e estimular situações em que posições divergentes aflorem, para que o pensamento, recuando e avançando, possa resolver seus problemas. Uma Psicologia da Educação que se comporta como se o educando vivesse num mundo sem contradições, é uma psicologia que tende para a morte, pois retira de uma pessoa “situada” e “datada”, a possibilidade que ela tem de se construir.

12. Adotar um não-método significa, em última análise, ter objetivos provisórios, abandonar a atitude de segurança e certeza tão comum em educação, desconfiar do estabelecido como verdadeiro, apoiar-se na experimentação como fonte de autoridade, sem contudo desprezar o referencial teórico. O filósofo ou o psicólogo da educação, suspeitarão sempre do credo pedagógico, das grandes verdades “naturais”, das explicações culturais que escondem freqüentemente a dominação e a manipulação. Não basta, porém, pronunciar um discurso progressista, cheio de boas intenções. É necessário que a prática pedagógica confirme este discurso, mesmo nas mínimas coisas em que o pedagogo está envolvido. Do mesmo modo, não é uma legislação exuberante que resolve as contradições. A educação tem caído no erro de mascarar os conflitos, a dominação de uma classe sobre outra, através de uma febre legiferante que só agrava a dominação.

13. Qual a visão que o psicólogo da educação tem do educando? Ao responder a esta pergunta, o psicólogo terá esboçado um roteiro de sua prática. Objetivos, metas, recursos, tecnologias, avaliação, exames, decorrem desta resposta e são imediatamente relativizados, até mesmo desmistificados. Para ficar só com um exemplo, os objetivos de um programa de psicologia da educação deveriam estar no fim, ser o coroamento de um curso, não o seu início. A caminhada é que iria explicitando os objetivos a alcançar, pois o professor não os teria "a priori", como depósito ao qual ele recorre, ou como receita mágica aplicável a todas as situações.

14. Se valorizar é não ficar indiferente, é na valorização do educando como pessoa que vive, sente, sofre, luta, avança, recua, e no debruçar-se sobre este sujeito, que reside a verdadeira Filosofia da Educação, início, meio e fim de todo processo educacional.